

VENEZUELA / Multidão vai às ruas de Caracas contra o resultado das eleições, que teriam sido fraudadas, enquanto líderes europeus pedem a publicação das atas de votação. Em vários países, houve manifestações de apoio aos venezuelanos descontentes



Mobilização contra a reeleição em Madri



Marcha em Bogotá denuncia fraude na votação



Em Buenos Aires, mobilização de solidariedade



Protesto perto da Casa Branca em Washington

Oposição protesta em desafio a Maduro

Convocada pela líder opositora María Corina Machado, uma multidão desafiou as forças de segurança e foi às ruas de Caracas protestar contra a proclamação de Nicolás Maduro como presidente reeleito da Venezuela. Discursando do alto de um carro de som, Machado assegurou que o fim do chavismo está próximo: "Nunca estivemos tão fortes", garantiu. Maduro também instou a presença dos partidários e recebeu apoio de motociclistas na capital e em Sucre, no litoral.

As manifestações de sábado foram tranquilas, em uma atmosfera diferente dos dias anteriores, quando os protestos, duramente reprimidos, resultaram em 11 mortes e cerca de 1,2 mil detenções. A oposição denuncia fraudes nas eleições, cujo resultado foi ratificado na sexta-feira pelo Conselho Nacional Eleitoral, e reivindica a vitória de Edmundo González Urrutia. Peru, Argentina, Uruguai, Equador, Costa Rica, Panamá e Estados Unidos reconheceram o diplomata venezuelano como presidente eleito. Já a Rússia, a Nicarágua e o Irã apoiam Maduro, enquanto Brasil, Colômbia e México tentam um acordo político.

"Estamos defendendo a soberania popular pelo voto", disse María Corina Machado, do alto do carro de som. "Eles (os chavistas) perderam toda a legitimidade." No discurso, a líder opositora destacou que, dias após as eleições, realizadas há uma semana, as atas das votações não foram apresentadas. De acordo com Machado, o "mundo sabe" que houve fraudes e garantiu que os protestos continuarão. "Não vamos sair das ruas, o medo não vencerá a verdade."

Pressão

Ontem, sete países da União Europeia (UE) pressionaram Maduro a publicar as atas eleitorais. Uma análise da agência Associated Press (AP), que diz ter tido acesso aos documentos, concluiu que González recebeu 6,89 milhões de votos com 79% das urnas apuradas, quase meio milhão a mais do que o governo diz que Maduro obteve. Alemanha, Espanha, França, Itália, Holanda, Polônia e Portugal pediram às autoridades que apresentem

"rapidamente todos os registros" da votação para "garantir a total transparência" do processo. Segundo o Conselho Nacional Eleitoral, Maduro foi reeleito com 52% dos votos, contra 43% atribuídos a Urrutia.

Em vários países, houve manifestações de apoio à oposição do chavismo ontem. Em Buenos Aires, Miami, Washington, Madri, os protestantes pediram o reconhecimento de Edmundo González Urrutia como presidente eleito. Na Colômbia, principal destino do êxodo de venezuelanos, centenas de imigrantes se reuniram na Plaza Bolívar, em Bogotá, com bandeiras tricolores, faixas de "abaixo a ditadura" e gritos de "liberdade, liberdade".

Em meio ao protesto, a voz da líder de María Corina Machado foi ouvida nos alto-falantes. A mensagem, vinda da manifestação em Caracas, entusiasmou as pessoas reunidas em Bogotá. "Quero voltar para meu país, quero voltar para casa. Sinto frustração, mas, longe disso, também tenho fé", disse à agência de notícias France Presse (AFP) Maudie Lopez, 43 anos.

Ameaças

Na quinta-feira, María Corina Machado afirmou que estava escondida por temer pela vida. Ela e González Urrutia teriam sido ameaçados de prisão por Maduro — o candidato da oposição, inclusive, não apareceu nas manifestações de ontem.

Na sexta-feira, o líder da oposição e jornalista Roland Carreño, que havia ficado preso entre 2020 e 2023 por acusações de terrorismo, foi detido novamente, conforme denunciado por seu partido Voluntad Popular, de Juan Guaidó e Leopoldo López. Com as detenções, outros opositores limitaram as aparições públicas nos últimos dias.

Há 13 anos no poder, Nicolás Maduro nega as acusações de fraude e acusa os Estados Unidos de intervencionismo. Na sexta-feira, o secretário de Estados dos EUA, Antony Blinken, expressou apoio a González Urrutia. "Ele (Blinken) se desespera em um gesto incomum na diplomacia dos Estados Unidos e sai para dizer que eles têm os resultados (...). O que eles têm é a armadilha que tentaram impor", disse a jornalista.



A líder antichavista María Corina Machado acena à multidão: "Estamos defendendo a soberania popular. Nunca estivemos tão fortes"



Eleitores do presidente também saíram às ruas da capital venezuelana (foto) e em Sucre, no litoral

» Diplomatas voltam para casa

Os diplomatas argentinos expulsos de Caracas pelo presidente da Venezuela, Nicolás Maduro, desembarcaram, ontem, em Buenos Aires. "Tivemos que desmantelar uma vida em três dias", disse o encarregado de negócios da embaixada, Andrés Mangiarotti. Além dele, 13 pessoas voltaram para a Argentina, um dos primeiros países a reconhecer o opositor Edmundo González Urrutia como verdadeiro vencedor das eleições. Desde quinta-feira, o Brasil assumiu os cuidados da embaixada do país vizinho na capital venezuelana.

ESTADOS UNIDOS

Debate gera crise entre presidentiáveis

A equipe de campanha da candidata democrata à Presidência dos Estados Unidos, Kamala Harris, acusou, ontem, o adversário republicano, Donald Trump, de "brincar" com a data do debate entre os dois, depois de o magnata anunciar que tinha "acordado" o dia 4 de setembro com o canal Fox News.

"Trump não cumpriu sua palavra", disse Michael Tyler, diretor

de comunicação da democrata, assinalando que ele alterou unilateralmente a data e o local do debate presidencial. Na noite de sexta-feira, Trump escreveu na sua rede, Truth Social, que tinha acertado o evento, horas depois de Kamala ter garantido os votos necessários para ser designada a candidata. "Trump deve parar com os seus joguinhos" acrescentou.

Tyler cobrou do republicano respeito ao que havia sido previamente acordado com o presidente Joe Biden, que desistiu de tentar a reeleição há duas semanas, abrindo, assim, o caminho para sua vice. Na agenda anteriormente acertada, estava um debate em 10 de setembro na ABC.

"Ele está com medo e tentando sair do debate que já aceitou, correndo direto para a Fox

News para resgatá-lo", ressaltou Michael Tyler. "Estarei lá no dia 10 de setembro. Espero vê-lo", postou a própria candidata democrata na rede social X.

O republicano, então, provocou a rival. "Kamala Harris não tem a capacidade mental de fazer um debate REAL contra mim", respondeu Donald Trump. "Eu a verei em 4 de setembro ou não a verei", enfatizou o ex-presidente.



Kamala Harris acusa Donald Trump de desprezar acordo